

### SOBRE CULPA, OPTIMISMO Y ESPERANZA

Entre as muitas comunicações que circulam nas redes sociais hoje em dia, existem dois tipos relacionados entre si. Uma consiste em tentativas de explicar causalmente a pandemia que vivemos, entendendo-a como o produto de nossas próprias ações inadequadas em nível planetário. Essas explicações, em suas muitas variantes, seguem o padrão do argumento grego antigo dos *hybris*, o excesso humano que causa a raiva e a consequente vingança dos deuses. Os monoteísmos também tentaram esse padrão explicativo na forma de culpa como causa da ira de Deus que responde às transgressões humanas com o dilúvio universal, a confusão de Babel, o exílio e outros infortúnios que caem sobre nossa espécie, frustrando até o mesmo Deus. E que Deus é substituído agora pelo universo ou equilíbrio ecológico, formas mais aceitáveis para o nosso tempo, especialmente em meios mais intelectuais, não esconde a origem semelhante dessas explicações que geralmente terminam com um pedido ou uma expectativa que agora o faz. que aprenderemos globalmente e não repetiremos nossos erros. Os argumentos lembram um pouco a cena do garoto que, depois de se arriscar a fazer o que seus pais o advertiam era arriscado, promete entre soluções que ele não fará mais nada para se reconciliar com eles.

A explicação detalhada sobre a cadeia causal que conecta nosso comportamento à praga que nos atinge, a viroses pandêmicas, neste caso, geralmente carece ou apresenta buracos evidentes, o que confirma que o padrão indicado está na fonte dessas pseudo explicações, mais relacionado à nossa psique inicial, para a qual tudo o que acontece é produto de uma vontade humana benigna ou maligna, que ajuda ou priva, de acordo com a marca registrada de nossas experiências de desamparo ontogenético. Mas essa consideração não implica que não haja responsabilidades a serem atribuídas devido à falta de previsão, às prioridades que nossas sociedades operacionais e mercantis deram à funcionalidade econômica levantada como uma palavra sagrada e ao fundamento final que sempre deve ser priorizado às custas de outras necessidades humanas, transformando a liberdade em um vagão de formas frequentemente capitalistas do capitalismo. Tampouco significa que a mentira de nossos governos deve, em todos os casos, passar como um mero desvio involuntário de pessoas bem-intencionadas, confrontadas por um inimigo que caiu de surpresa. O investimento na prevenção ou antecipação de problemas de mercado no *homo economicus* foi indubitavelmente negligenciado, impulsionado pela abstração do mundo financeiro e suas transações vertiginosas, de que existem outras forças vertiginosas que nos habitam em nossa própria materialidade e com as quais compartilhamos o planeta.

O segundo tipo de argumento que prolifera atualmente se inclina para um otimismo modelado sobre uma fé bastante cega, que geralmente não está muito em voga ou é exercida dissociativamente como ritual de fim de semana, em casamentos ou funerais, de certa forma compensatório às atividades econômicas propriamente ditas, materializações do ditado "Deus orando e com o martelo". Há muitas declarações de que agora que tudo teve que parar devido à pandemia, finalmente aprenderemos não apenas a se comportar bem, mas acabaremos com o egocentrismo, formas prejudiciais de organização social, desconsideração dos pobres e marginalizados e outros ultrajes diários. Em suma, utopias de natureza milenar anunciam, mais uma vez, um novo ser humano que finalmente

nascera do infortúnio. No entanto, nada parece indicar que perdemos ou vamos perder nossos truques: os golpes abundam "em um rio correndo", os assaltos continuam, os crimes não desaparecem, o infectologista Antony Fauci, a pessoa mais talentosa da equipe de saúde pública de Trump, exige guardas munida de ameaças de morte, a internet explode com mensagens racistas e, como sempre, os anti-semitas atribuem aos judeus que inventaram o coronavírus para controlar o mundo, etc. Tirar proveito do que o destino nos lançar é e provavelmente será um fenômeno com o qual contar e trabalhar para neutralizar, como sempre, se quisermos, como deveríamos, certamente melhorar nossas vidas.

Não parece que um otimismo ingênuo, simplesmente contra o pessimismo extremo, seja o caminho de mudanças responsáveis, pois, como lembra Terry Eagleton, assumindo Ernst Bloch, o grande filósofo da esperança ("O princípio da esperança"), ambos são "Formas de fatalismo", independentes da realidade que nos excede: "Diferentemente da esperança, o otimismo profissional não é uma virtude, assim como não é ter sardas ou pés chatos" (...) "A verdadeira esperança tem que ser sustentado por razões. Nisto, assemelha-se ao amor, do qual, falando teologicamente, é um modo específico. Você deve ser capaz de encontrar os fatos de uma situação que a torne credível. Caso contrário, é apenas uma intuição da pele, como estar convencido de que há um polvo embaixo da cama. A esperança deve ser falível, enquanto a alegria temperamental não é ("Esperança sem otimismo", pp. 2-3).

Se, como vimos, a culpa e as utopias apontam, contra o espírito dos tempos após a morte de Deus, a persistência de equivalentes raízes religiosas, podemos contar com a esperança, que muitas vezes se reduz a ser justa. forma imprópria de fé de seres e sociedades racionais.

Vaclav Havel (Obrigado Chus Arrojo) diz: "A esperança não é uma previsão. É uma orientação do espírito, (...) do coração. A esperança nesse sentido profundo e poderoso não é a alegria de que as coisas estão indo bem, ou a disposição de investir em empresas que obviamente buscam um sucesso rápido, mas a capacidade de trabalhar para algo porque é bom, não porque você tem uma chance de ter sucesso. Quanto menos promissora a situação em que demonstramos esperança, mais profunda é a esperança. Esperança não é o mesmo que otimismo. Não é a convicção de que algo vai dar certo, mas a certeza de que algo faz sentido, não importa o que aconteça. Em suma, acredito que a forma mais profunda e importante de esperança, a única que pode manter a cabeça acima da água e nos instigar a boas obras, a única fonte verdadeira da dimensão avassaladora do espírito humano e de seus esforços, é algo que obtemos, por assim dizer, de "outro lugar". Essa esperança é também, acima de tudo, o que nos dá forças para viver continuamente e experimentar coisas novas, mesmo em condições que parecem tão desesperadoras quanto as nossas, aqui e agora" ("Perturbando a Paz. Conversas com Karel Hvížd'ala 1990).

Eu acrescentaria que esse "outro lugar" onde a esperança chega até nós não é um lugar transcendente ou divino, mas está encarnado em nós como um ontoético, como um senso de justiça, sempre buscando uma vida melhor que valha a pena ser vivida. Aí a esperança está relacionada a uma ação eficaz: "A esperança baseia-se na premissa de que não sabemos o que vai acontecer e que, no espaço da incerteza, há um lugar para agir - quando você reconhece a incerteza, reconhece que pode influenciar os resultados - sozinho ou em conjunto com algumas dezenas ou vários milhões de pessoas.

A esperança é um abraço do desconhecido e do incognoscível, uma alternativa à certeza dos otimistas e pessimistas. Os otimistas pensam que tudo ficará bem sem se envolver; os pessimistas tomam a posição oposta; ambos se desculpam por não agir. É a crença de que o que fazemos é importante, embora como e quando isso possa importar, quem e o que isso possa impactar, sejam coisas que não podemos conhecer antecipadamente. Na verdade, talvez não o encontremos mais tarde, mas isso importa de qualquer maneira, e a história está cheia de pessoas cuja influência foi mais poderosa depois que eles saíram "(Solnit, Rebecca, " Hope in the Dark: incontáveis histórias, possibilidades selvagens ", Haymarket, 2016).

A esperança assim concebida é uma forma de responsabilidade. Alguns anos atrás, eu disse em uma introdução ao trabalho de Edgar Morin ("Introdução ao pensamento complexo", GEDISA, 1994) que: "No final das" Crônicas marcianas ", Ray Bradbury nos mostra a única família sobrevivente de terráqueos, finalmente, em busca daqueles marcianos que as crianças desejavam ver. Foram-se as vicissitudes e catástrofes que terminaram com o planeta Terra, com os seres humanos e, embora as crianças não o conheçam, também com os marcianos. Na cena final, a família, de mãos dadas, olha para um desfiladeiro e o pai anuncia o momento tão esperado, há os marcianos: a água de um canal reflete a imagem de si mesmos, pai, mãe e filhos, de mãos dadas. Isso é tudo o que eles têm para enfrentar o futuro ".

Pakman, Marcelo, "O senso de justiça. Por uma ética de mudança, corpo e presença ", Gedisa, Barcelona, 2018.

---

---